

caminho

Um guia para a oração



POR

Pablo Marti

CAMINHO

Um guia para a oração

Pablo Marti

© Gabinete de Informação
do Opus Dei

VERSAO 1

[**www.opusdei.pt**](http://www.opusdei.pt)

Índice

Algumas coordenadas para entrar no livro

Um manual do utilizador

1.º «Lê devagar estes conselhos»

2.º «Medita pausadamente nestas considerações»

3.º «1) São coisas que te digo ao ouvido, em confidência de amigo, de irmão, de pai. 2) E estas confidências são ouvidas por Deus»

1) CONFIANÇA

2) Contemplação «E estas confidências são ouvidas por Deus»

4.º «Não te contarei nada de novo. Vou reavivar as tuas recordações, para que se eleve algum pensamento que te fira...»

CORAÇÃO, FERIDAS DE AMOR

5.º «E assim melhores a tua vida e entres por caminhos de oração e de Amor. E acabes por ser alma de critério»

ALGUMAS COORDENADAS PARA ENTRAR NO LIVRO

Pablo Marti

«*Caminho*» é um livro incómodo. Mas não quero desanimar-te desde o início. Quero desafiar-te, porque a sua tradição é tão vasta que vale a pena regressar às suas origens.

Primeiro, o título. *Caminho* é caminho de oração e caminho de amor. O caminho da vida espiritual, do conhecimento de si mesmo e do conhecimento de Jesus.

O próprio Jesus nos diz: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida». E no livro lê-se: «Cruz, trabalhos, tribulações: tê-los-ás enquanto viveres. – Por esse caminho foi Cristo, e não é o discípulo mais do que o Mestre» (*Caminho*, n. 699).

Muitos outros pontos fazem referência ao “caminho” ou ao “teu caminho”. O caminho para nos unirmos a Cristo. O caminho para a santidade. O caminho da vocação cristã. E, em última instância, o caminho é o próprio Cristo.

Em certa ocasião, São Josemaria escreveu: «Sou muito amigo da palavra *caminho*, porque todos somos caminantes para Deus; somos *viatores*, caminhamos em direção ao Criador desde que viemos ao mundo. Uma pessoa que empreende um caminho tem claro um fim, um objetivo: quer ir de um lugar a outro; e, conseqüentemente, emprega todos os meios para chegar incólume a esse fim; com a pressa suficiente, procurando não se

desviar por veredas laterais, desconhecidas, que apresentam perigos de precipícios e de feras» (São Josemaria, *Em diálogo com o Senhor*, n. 68).

A riqueza e a atualidade de *Caminho*, do seu texto e da sua mensagem, são surpreendentes. Lido por milhões de pessoas, de culturas muito diferentes, cada uma das suas 999 unidades tem vida própria, com contextos e circunstâncias muito diversos. São, de facto, «pedaços de vida», pontos de luz, nascidos da verdade do Evangelho.

As suas palavras têm algo a dizer-nos, porque tocam as inquietações – luzes e sombras – deste nosso tempo. *Caminho* fala de pessoas reais, tal como são, falam, pensam e sentem aqui e agora: a sua mensagem continua a falar às pessoas de hoje.

O homem moderno faz continuamente a dolorosa experiência da divisão e da solidão. Cansado da deriva que o arrasta, deseja vivamente fazer a experiência da unidade e da comunhão: consigo próprio, com o mundo que o rodeia e com Deus, ainda que, por vezes, esse mundo que deve amar apaixonadamente se apresente como uma ameaça.

Com este clamor da humanidade de agora e de sempre se liga a mensagem humana e cristã de *Caminho*, que não oferece um diagnóstico teórico, mas uma orientação no mesmo plano de realidade onde o homem perde e ganha a sua vida.

Caminho dirige-se a qualquer ser humano que espera, vive, pensa e sofre no mundo, para lhe falar da sua vida como um destino que não é trágico, porque é conduzido por uma Providência; para lhe falar da sua existência inteira como uma unidade de propósito; para lhe falar, enfim, do percurso da sua história terrena como a totalidade de um movimento criador rumo à plenitude.

A “imagem do cristão” proposta em *Caminho* estrutura-se em torno de três eixos: o primeiro é o mundo e a vida quotidiana da pessoa, no seu dinamismo positivo, contemplado na proximidade e bondade de Deus; o segundo é a primazia da ação de Deus, da graça da oração e da interioridade, que no livro se expressa, antes de mais, como vivência simples e natural da filiação divina; o terceiro confere à vocação cristã os traços de uma vocação essencialmente apostólica no mundo – todos temos uma missão especial na vida.

Um manual do utilizador

A oração é o caminho que nos acompanha na vida para alcançarmos essas três verdades sobre nós, sobre Deus e sobre o mundo. Como São João Paulo II afirma que São Josemaria é um “mestre na prática da oração”, quero aproveitar o prólogo do livro como um guia, um manual do utilizador, uma série de passos com os quais São Josemaria nos convida a percorrer o caminho da oração.

«Lê devagar estes conselhos. Medita pausadamente nestas considerações. São coisas que te digo ao ouvido, em confidência de amigo, de irmão, de pai. E estas confidências são ouvidas por Deus. Não te contarei nada de novo. Vou reavivar as tuas recordações, para que se eleve algum pensamento que te fira, e assim melhores a tua vida e entres por caminhos de oração e de Amor. E acabes por ser alma de critério».

1.º «Lê devagar estes conselhos»

Diz o filósofo Leonardo Polo que «pensar é parar para pensar». Pois rezar é parar para rezar.

Devagar é uma referência ao recolhimento, ao silêncio. Que difícil é ter uma conversa ao telefone se não há rede suficiente! Todos temos esta experiência simples: não se ouve o que um diz e o outro sim (“Olá! Ouves-me?”), ou ouve-se entrecortado e não se percebe nada. O tempo passa, é frustrante, e o melhor é desligar e voltar a tentar, para ver se agora funciona.

O silêncio, o *devagar*, é a cobertura necessária para falar com Deus e connosco próprios. Como antigamente não havia telemóveis, São Josemaria descreve o silêncio assim:

«O silêncio é como o porteiro da vida interior» (n. 281); «Procura alcançar diariamente uns minutos dessa bendita solidão que tanta falta faz para manter em marcha a vida interior» (n. 304).

Ler é uma atividade espiritual: é dar passagem ao espírito.

Não podemos andar à velocidade que o mundo digital nos impõe. A atenção do conhecimento e do amor exige um ritmo mais pausado. É preciso espaço para passar dos sentidos ao espírito.

Ler implica abrir-se a uma Palavra, a uma mensagem diferente do *eu*. O mundo interior deve referir-se a algo que vai para lá de nós próprios. Neste sentido, a oração é possível porque Deus tem uma mensagem, uma Palavra, um diálogo dentro de Si mesmo. E, além disso, enviou essa Boa Nova e tornou-nos participantes dela. Assim, a oração é sempre uma resposta à iniciativa divina, à presença de Deus.

Um filme recente de ficção, que analisa as emoções de uma adolescente, afirma que o motor da sua vida é esta convicção: “O que vales não chega”. Este pensamento leva-a a esforçar-se ao máximo, sempre mais, sem nunca estar satisfeita ou contente com o que faz. A vida cristã está chamada a crescer, e há sempre espaço para melhorar. Mas o esforço não é ditado pelo

“o que vales não chega”, e sim por “vales todo o sangue de Cristo”. Ou seja, tens todo o amor do Pai e és totalmente livre para responder com amor ao Amor. Esta é a mensagem que Jesus nos dirige. E precisamos de a escutar: lê-la devagar.

2.º «Medita pausadamente nestas considerações»

Meditar implica usar todas as ferramentas interiores: o desejo, a imaginação, os sentidos, a inteligência, a vontade e o coração. Esta mobilização é necessária para aprofundar a fé, suscitar a conversão do coração e fortalecer a vontade de seguir Cristo. Mas não convém esquecer que a meditação não é algo acessível apenas a pessoas superdotadas ou com uma extraordinária capacidade de concentração: a oração é uma relação sincera de amor. Uma criança pode rezar melhor do que um sábio.

E novamente, pausadamente: sem pressas. Ou seja, sem esperar um resultado imediato. Isto representa um desafio, porque todos esperamos a resposta do *WhatsApp*, o *like* do *Instagram*, ou a visualização no *TikTok*. E, se não chega, ou se o vídeo fica bloqueado, que inquietação!

A meditação é algo muito mais exigente. É uma busca. E não de algo, mas de alguém. Não é simplesmente o jogo de “Onde está o Wally?”, mas o de encontrar Deus e a nós mesmos. «Queria recomendar à minha amiga um ponto concreto, mas não me lembrava do número. E era aquele que estava escrito no sítio marcado: “Que procures Cristo: que encontres Cristo: que ames Cristo”» (n. 382).

O cristão procura compreender o “para quê” da sua vida. Ou, como sugere o Papa Francisco, o “para quem” da sua vida. E o “como” a está a viver hoje, agora, com o desejo de conhecer e responder ao que o Senhor lhe pede.

Num primeiro momento, tende a predominar a atividade da inteligência, que procura aprofundar a verdade cristã e colocar a pessoa perante o mistério de Cristo. Meditar o que se lê, diz o Catecismo, conduz a apropriar-se disso, confrontando-o com a própria vida, e a passar dos pensamentos à realidade. Com a ajuda da humildade e da fé pessoais, descobrem-se e discernem-se os movimentos que agitam o coração.

Nesta etapa, costuma intervir mais a vontade e, com ela, toda a parte afetiva do ser humano. A partir da verdade atual da minha vida (o que, com sinceridade, vemos que há de bom e de mau), descobrir a vontade de Deus para mim (o que a minha vida deve realmente ser) e pôr em prática aquilo que Deus quer e que eu sou.

Este pôr em prática o que somos na oração implica, em primeiro lugar, o desejo de mudar e de ser como Deus quer; depois, a decisão da nossa vontade de nos conformarmos à vontade de Deus para nós; e, por fim, o propósito, normalmente pequeno, de começar a pôr em prática essa decisão profunda da nossa vontade num aspeto concreto e pontual da nossa vida.

Tudo isto – e é o mais importante – fazendo-o conscientes de quem somos: a nossa miséria e a nossa grandeza. Mas, sobretudo, conscientes de com quem estamos: Deus, que é nosso Pai; Jesus, o Filho de Deus; e o Espírito Santo, que é o Amor de Deus em nós. Deste sabermos-nos diante de Deus nascem os diversos atos de oração: a adoração e o louvor, o arrependimento, a ação de graças e a súplica.

A oração cristã aplica-se a meditar os mistérios da fé, preferencialmente a vida de Jesus Cristo. Mas a reflexão deve ir mais longe: até ao conhecimento do amor do Senhor e à união com Ele.

Trata-se de alimentar a inteligência para, a partir daí, aprofundar o conhecimento de si próprio (a nossa verdade de filhos de Deus no meio do

mundo) e de Deus. A partir da inteligência, deve chegar à vontade: para aceitar e amar essas verdades que vamos descobrindo ou percebendo com maior profundidade, conformando-nos com a vontade de Deus na vida de cada dia. Este exercício contínuo, a partir da inteligência e da vontade, penetra toda a realidade da pessoa: desejos, emoções, sonhos, dificuldades, etc. E conduz à união cada vez maior da nossa vida com a vida de Deus: o cristão em Deus e Deus no cristão.

Em suma, como nos ensina a experiência dos santos: «“Orar é falar com Deus. Mas de quê?”. De quê?! D'Ele e de ti; alegrias, tristezas, êxitos e fracassos, ambições nobres, preocupações diárias..., fraquezas; e ações de graças e pedidos; e Amor e desagravo. Em duas palavras: conhecê-Lo e conhecer-te – ganhar intimidade» (n. 91).

A oração é esse diálogo com Deus sobre toda a nossa vida e sobre a Sua Vida; conhecer-se a si mesmo (a nossa verdade de filhos de Deus e as nossas circunstâncias pessoais, familiares e sociais: alegrias, tristezas, êxitos e fracassos, etc.) e conhecer Deus com cada vez maior profundidade; falar com Ele, sendo cada vez mais conscientes da proximidade de Deus, de que a vida cristã é a vida escondida com Cristo em Deus, de que Deus nos ama e nós podemos amar a Deus.

3.º «1) São coisas que te digo ao ouvido, em confidência de amigo, de irmão, de pai. 2) E estas confidências são ouvidas por Deus»

1) CONFIANÇA

O autor de *Caminho*, São Josemaria, tem uma presença muito viva de Deus no quotidiano. Deus não vive lá em cima, onde estão as estrelas. «É preciso convencer-mo-nos de que Deus está junto de nós continuamente. –

Vivemos como se o Senhor estivesse lá longe, onde brilham as estrelas, e não consideramos que também está sempre ao nosso lado.

E está como um pai amoroso – quer mais a cada um de nós do que todas as mães do mundo podem querer a seus filhos – ajudando-nos, inspirando-nos, abençoando... e perdoando» (n. 267).

Com a naturalidade e a simplicidade de uma criança, vive e convida a viver o mistério central do cristianismo: Deus Pai, através da humanidade de Cristo e de Maria, pela ação do Espírito Santo.

Por isso, a sua oração e as suas palavras são diretas: muito humanas e simples, nada sofisticadas. A vida de cada dia, com muitos episódios normais e correntes, mas cheios de Deus.

A chave da sua mensagem é, por isso, CONFIAR em Deus. A fé é acreditar no amor que Deus nos tem. Bento XVI explica-o citando São João no início da encíclica *Deus caritas est*: «Nós conhecemos o amor que Deus nos tem e acreditámos nesse amor».

A oração é a prática dessa fé: a relação amigável, íntima e confiante com Deus. E tem como fruto a confiança em nós próprios e a confiança nos outros.

E, portanto, é viver na verdade. A oração é viver na própria casa, na verdade profunda do coração, no íntimo da alma: empenhos, sonhos, desejos, afetos, amores. Realidades que hoje estão muitas vezes encobertas e não vêm à luz, por causa de desejos, afetos e misérias mais medíocres e superficiais, que impedem o acesso à identidade profunda de cada um. Mergulhar com Deus no próprio coração: «conhecer-Te e conhecer-me» (Santo Agostinho).

2) Contemplação «E estas confidências são ouvidas por Deus»

Viver a partir daí: a partir do coração cheio de fé que conduz à adoração e ao louvor, à ação de graças, ao perdão e arrependimento, à súplica por todos e por tudo. Viver como alma contemplativa.

A contemplação é o nível mais profundo da relação com Deus a que os cristãos são chamados a chegar. O cume da oração cristã: rezar (oração vocal), meditar (oração mental) e viver (presença contínua de Deus), contemplando.

E, ao mesmo tempo, é a sua realidade mais simples: olhar para Deus e saber que Ele nos olha, mantendo essa presença intensa de Deus em todo o momento e atividade. Mas, como tudo o que é simples no âmbito espiritual é também o mais perfeito e rico, não é fácil exprimi-lo em conceitos.

A contemplação é o diálogo do filho com o seu Pai Deus.

Um filho que se sabe amado pelo seu Pai – e de modo infinito – e que deseja corresponder amando ainda mais. Mas apercebendo-se de que o amor que conduz a Deus, à união com Deus, só pode ser um amor sobrenatural, um dom gratuito, acima das capacidades do ser humano. Um amor que é o próprio Espírito-Amor de Deus derramado no coração do cristão. A contemplação é a percepção desta realidade maravilhosa de ser cristão: posso amar como Deus, porque Deus está em mim. Posso amar como Deus e unir-me cada vez mais intimamente a Deus, à Sua vontade de Pai, porque me vou unindo cada vez mais profundamente a Cristo, até ao ponto de me tornar outro Cristo, o próprio Cristo.

A contemplação é crescimento ou aperfeiçoamento da fé.

A fé leva-nos a dirigir o pensamento para Deus e a descobrir a maravilha do Seu ser e da Sua presença em nós. A fé é olhar para Deus e pensar n'Ele continuamente, mantendo uma amizade habitual com Ele, falando-Lhe no nosso coração ao longo de todo o dia. Contemplar Deus é descansar no pensamento de Deus, esquecendo-se de si próprio.

«A oração exprime todos os sentimentos do coração». A contemplação não é uma operação meramente intelectual. O pensamento em Deus leva a amar, esperar, alegrar-se, admirar, honrar, adorar.

Toda uma série de atos que abrangem a totalidade da realidade humana. Nestes atos participamos já de certo modo na bem-aventurança, porque o nosso coração pode repousar e estar satisfeito com a posse de Deus. A contemplação não é sentimento, nem atividade, nem conhecimento: é amor que tudo abarca.

A contemplação cristã é conhecer amando e amar conhecendo, numa profunda e vital compenetração. Olhar e contemplar Deus e saber que Ele nos olha e contempla; ter consciência da Sua presença e proximidade, o que conduz a amá-l'O, e ao desejo – ou necessidade – de O conhecer e amar mais e melhor, não apenas em momentos pontuais, mas habitualmente, ao longo de toda a jornada.

E amar Deus, mas também o mundo que Deus ama. O amor a Deus e o amor ao próximo formam uma unidade inseparável. Essa unidade, numa pessoa inserida no mundo, implica não apenas um amor interior, mas também obras de amor – amor manifestado em atos concretos. As obras de uma pessoa que se orienta segundo uma inteligência cristã – iluminada pela fé em Cristo, pela forma de Cristo ver a realidade – são obras que expressam o amor a Deus e aos homens; não ficam fora desta noção de contemplação.

Em consequência, contemplação e ação apresentam-se como atitudes que não só não são incompatíveis, mas que se complementam e reclamam mutuamente.

4.º «Não te contarei nada de novo. Vou reavivar as tuas recordações, para que se eleve algum pensamento que te fira...»

CORAÇÃO, FERIDAS DE AMOR

Não se trata de procurar coisas novas fora de nós, mas de aprofundarmos em nós mesmos, porque aí está tudo: Deus, eu e os outros. Para se referirem a isto, os místicos (peritos na oração) falavam da *ferida*, da *ferida de amor*.

Caminho é, por vezes, muito direto e pretende, de certo modo, “ferir”. Repara no que diz Irina (Almaty, Cazaquistão):

«Um dos primeiros livros de São Josemaria que li foi *Caminho*. E a minha primeira reação foi sentir medo. Para mim, como filóloga, era estranho ver tantos imperativos diretos: *Pensa! Procura! Age! Sofre! Tem paciência! Trabalha! Faz! Diz! Luta! Experimenta! Não te esqueças!*

Além disso, o autor dirige-se ao leitor tratando-o por “tu”. Isto parecia-me demasiado direto e categórico. E não me agradava a forma como as coisas eram ditas, como que lançadas à cara, de modo forte: “és cobarde”; “já é tempo de rejeitares essa estranha compaixão que sentes por ti próprio”; “a humilhação e a vergonha”; “não te esqueças de que és... o depósito do lixo”; “o teu maior inimigo és tu mesmo”.

Comecei a pensar e a reler o livro uma e outra vez; e comecei a sentir como uma mão firme me guiava no caminho – com firmeza, decisão e confiança. O estilo literário da obra já não me parecia tão categórico e duro,

mas comecei a pensar que era necessário falar assim às pessoas que querem levar a vida a sério».

Ferida vem do latim *vulnera*. Hoje, quando se fala de amor, fala-se muito de *vulnerabilidade*. Ou seja, escolher amar significa escolher tornar-se vulnerável (“ferível”) naquilo que há de mais íntimo e verdadeiro em nós. A oração procura precisamente isso: atravessar as camadas mais superficiais da nossa vida até chegar ao coração; e aí, abrir a porta a Jesus, ao Pai e ao Espírito Santo, para que caminhem connosco livremente.

O amor fere porque provoca presença e ausência, alegria e dor. Por vezes, sentimo-nos muito, muito bem – como nunca. Mas, ao mesmo tempo, profundamente insatisfeitos, porque desejamos, cada vez com maior intensidade, amar mais e ser mais amados.

No fundo, é na oração que descobrimos quem somos verdadeiramente: a nossa indigência (pobreza, miséria, mendicidade) e a nossa riqueza.

Ao longo da história da salvação, Deus manifesta-se sempre na indigência ou na fraqueza dos homens. Embora pensemos que Deus se revela na nossa força, a realidade – como diz o Papa Francisco – é que Deus atua também através da nossa fraqueza, como a Misericórdia que tudo cobre (cf. *Patris corde*, n. 2).

Na verdade, a oração nasce da necessidade, da indigência pessoal do cego que quer ver. Não somos, cada um de nós, cegos, coxos e surdos para o que é verdadeiramente importante?

Dessa necessidade vital, unida ao desejo de felicidade que move a nossa existência, nasce a pergunta verdadeira. Uma pergunta que, para ultrapassar a aparência da nossa superfície, requer pausa, silêncio e recolhimento:

- Tenho tudo o que desejo/quero? Ou falta-me o que é importante: amor, pureza, dedicação, etc.? e

- Desejo/quero o que tenho? A minha imagem, o meu sucesso profissional, estes sapatos, etc.

- Depois, continuar: Como desejo o que vale a pena desejar e não o que é falso? Como é que tenho realmente o que quero e não o que é falso?

- Pode dar-mo Deus, pode explicar-me quem sou e pode ajudar-me a viver como sou.

Mas, precisamente quando alcanço as profundezas da minha fraqueza, encontro a minha riqueza, a minha verdade, a minha salvação. Só Deus me pode dar isso, só Jesus Cristo me pode salvar.

Isto é oração: não um exercício estranho, mas procurar junto de Deus a verdade da vida e amá-la. Mas a verdade profunda, não o supérfluo. Viver a partir do coração.

5.º «E assim melhores a tua vida e entres por caminhos de oração e de Amor. E acabes por ser alma de critério»

Melhores a tua vida. AÇÃO.

E caminhos de oração e amor. AMOR.

E ser uma alma de critério. PERSONALIDADE. UNIDADE DE VIDA

Os atos de oração: petição, arrependimento, ação de graças, louvor e adoração.

A oração traz mudança, melhora. Como qualquer conversa, se for verdadeira e autêntica. Pensa em conversas que te tenham realizado: com o teu pai ou a tua mãe, com um amigo, com alguém mais velho ou mais novo.

A mudança ocorre na própria conversa. O mesmo se aplica à oração, só que aqui a conversa é com Deus. Pedir perdão de verdade, ou pedir ajuda para nós mesmos ou para alguém querido, agradecer pelas coisas grandes da nossa vida e pelas pequenas, reconhecer a grandeza e a bondade de Deus... Todos estes atos de oração nos enchem e melhoram a partir das profundezas da nossa verdade. E quando algo nos faz bem, gostamos, estamos prontos para continuar a vivenciar: continua neste caminho de oração e Amor.

Caminho, do primeiro ao último ponto, é sobre isso: «Que a tua vida não seja uma vida estéril» (n. 1). «Enamora-te e não “O” deixarás» (n. 999). Vive a tua vida em pleno, começando agora. Sejas jovem ou velho, o que importa é o agora, o presente, o hoje. De verdade: *carpe diem!* Aproveita ao máximo este momento.

Cristo enche tudo nas suas páginas, pois Cristo é o Caminho do homem; e as profundezas do homem – o seu coração – são clarificadas pela luz da Verdade de Cristo e inflamadas pelo Amor de Cristo. Daí o impulso que o livro inspira para uma vida humana plena, indissociável das exigências – porventura esquecidas ou adormecidas – da vida nova dos filhos de Deus. Vida Sobrenatural, Fé, Caridade, Nossa Senhora, Santa Missa, Igreja, Oração, Mortificação, Comunhão dos Santos, etc.: a genuinidade do chamamento a viver como cristão.

Caminho fala do encontro com o Evangelho, isto é, com a Vida e a Palavra do Redentor, com o mundo sobrenatural que, suave, silenciosamente, com uma naturalidade impensável, se torna presente nas coisas comuns de cada dia. O impacto deste espírito de Vida na vida das pessoas suscita a reflexão, a experiência, o louvor, a advertência, o fogo da entrega, a frieza da recusa, o compromisso firme, o conselho, o louvor a Deus, a expressão sincera da incapacidade, da dificuldade ou da miséria, o

pedido de ajuda, o encorajamento de algumas palavras, o impulso à fidelidade, a abertura de horizontes insuspeitos...

«Não há amor como o Amor!» (n. 417). Este é o grito que ressoa em todos os pontos de Caminho e que fere suavemente a consciência: o compromisso do Amor. Através dele, o coração de Cristo e o do cristão batem em uníssono; a liberdade amorosa de Deus e a liberdade grata da criatura; a ação do Espírito e a correspondência do cristão à graça.

São Josemaria apercebeu-se da grande fome que existe no mundo: a fome de sentido e de verdadeira liberdade, a fome de purificação interior, a fome de compreensão e de amizade que muitas vezes se escondem por detrás das fachadas caiadas das nossas belas sociedades. Viu que a sua tarefa era mostrar um caminho para a felicidade profunda e duradoura – um caminho para Cristo – e semeou a palavra de Deus livremente. Assim, tornou-se um mestre espiritual, e este mestre aconselha o leitor com as suas 999 setas a embarcar “por caminhos de oração e de amor” para se tornar uma alma “de critério”. Oferece-lhe, por outras palavras, um caminho de amor rumo à maturidade cristã, que se alcança através da interação com Deus.

«Espera tudo de Jesus; tu nada tens, nada vales, nada podes. – Ele agirá, se n'Ele te abandonares» (n. 731).

São palavras autobiográficas, como ele comentaria mais tarde: “Passou o tempo, e esta minha convicção tornou-se ainda mais forte, mais profunda”. A esperança cristã é luta e abandono em Deus. Segurança e certeza do fim, juntamente com a convicção íntima de que é necessário utilizar todos os meios ao dispor. Em suma, a virtude dos caminhantes que sabem que estão perto da meta, mesmo que ainda haja longos troços a percorrer e muitas batalhas a travar.

SOBRE

Gabinete de Informação do Opus Dei, 2025

www.opusdei.pt

Consulte a lista completa de ebooks gratuitos